

**VIDAS SECAS:
UM OLHAR SOCIOLÓGICO PARA ALÉM DAS EVIDÊNCIAS**

Izabel Alves Macedo Mendes (UFSC)¹

RESUMO

A história da humanidade sempre fora marcada pela imposição de uma classe sobre a outra. Os registros de arbitrariedade e exposição de indivíduos a situações vexatórias e constrangedoras são remotos e perpetuam de geração a geração. A forma sutil e imperceptível com que tais práticas são reproduzidas, nas estruturas sociais, faz com que atitudes arbitrárias sejam aceitas e repassadas naturalmente. O poder simbólico que impera na sociedade capitalista contribui para a fragmentação de classes sociais, cristalizando a força dominante sobre a dominada. Dessa forma, o presente trabalho se propõe a analisar, por meio de uma produção literária, alguns dos principais conceitos de Pierre Bourdieu, voltados para o campo semântico, com intuito de explorar, de forma contextualizada, os principais tópicos elaborados pelo sociólogo.

Palavras-chave: Sociologia. Literatura. Poder. Dominação.

ABSTRACT

Humanity history has been affected by the imposition of one class on another. Arbitrariness and individuals' exposition to vexatious and embarrassing situations are remote things. They have come from oldest times and have perpetuated by generation to generation. The subtle and imperceptible way which such practices are reproduced in social structures makes that arbitrary attitudes be accepted and spread naturally. The symbolic power which reigns in the capitalist society contributes to the fragmentation of social classes, crystallizing a dominant force which prevails over the dominated. Thus, this article aims to analyze, through a literary research, some of Pierre Bourdieu's main concepts which are related to semantic area. It has as objective to explore, in a contextualized way, some of main topics elaborated by this sociologist.

Keywords: Sociology. Literature. Power. Domination.

1. Introdução

Para Pierre Bourdieu, sociólogo francês, os atores sociais interagem por meio de jogos, sendo que em muitas situações, os princípios que os orientam são obscuros,

¹Mestra em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC ; Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Portuguesa; Formada em Letras/Inglês pela Universidade Estadual de Montes Claros; Servidora Pública Federal do Cargo Técnico Administrativo do Instituto Federal Campus Januária.

Trabalho desenvolvido por intermédio da disciplina de Teoria Social Contemporânea, ministrada pela professora Sandra Noemi Curriculo de Caponi, no curso de Mestrado em Sociologia Política, na Universidade Federal de Santa Catarina/ UFSC, realizado entre o período de 2013 a 2015. izabelalvesmacedo@yahoo.com.com.br

dificultando a compreensão da realidade em que estão inseridos. Na luta pela sobrevivência, os indivíduos, ao fazerem suas opções na vida, são influenciados pelo seu habitus, cujas práticas fazem parte de uma estrutura inscrita no corpo dos agentes e no horizonte em que atuam, sendo determinados pela situação econômica, cultural e social. Para o sociólogo, nem sempre tais escolhas são as mais adequadas do ponto de vista singular, porém, na maioria das vezes, são conduzidas pela imposição da sociedade.

Desse modo, em sua vasta produção, Bourdieu, ao apresentar a tese do poder simbólico, observa que os atores sociais têm o livre arbítrio para a tomada de decisões; no entanto, a influência do contexto em que estão inseridos, leva-os a optar pelo que já está preestabelecido pela coletividade. Esse fato, conduz o sociólogo à crença de que há uma distância muito grande entre o que uma coisa é, e o que ela representa. Para Bourdieu, o poder simbólico, dissolvido nas camadas sociais, mascara relações de dominação, por ser invisível e apresentar-se de forma sutil e perversa, sendo exercido mutuamente com a cumplicidade daqueles que não sabem que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.

Nesse sentido, a partir de uma obra literária, tentaremos contextualizar, alguns conceitos elaborados por Bourdieu em relação à exposição dos atores sociais diante do sistema simbólico, tendo em vista que o sociólogo, no prefácio à edição brasileira do seu livro, *Razões Práticas*, salienta que seus *conceitos* foram construídos ao preço de um grande esforço para resolver problemas inseparavelmente empíricos e teóricos. Assim, à luz das explicações de Bourdieu (2008), entre outras obras do autor, lançaremos mão de esforços para um melhor entendimento da teoria do capital simbólico, criado em analogia ao capital financeiro, em que

o capital simbólico é uma propriedade qualquer (de qualquer tipo de capital, físico, econômico, cultural, social), percebida pelos agentes sociais cujas categorias de percepções são tais que eles podem entendê-las (percebê-las) e reconhecê-las, atribuindo-lhes valor (p. BOUDEU, 208, P.107).

Desse modo, a partir da interpretação de tais preceitos, Bourdieu acredita permitir resolver muitos dos problemas existenciais, presentes no interior das classes sociais. Para tanto, percebe-se que a compreensão do capital simbólico, princípio objetivo da violência simbólica, permite resolver problemas aparentemente insolúveis de denominação simbólica, como a dominação ao mesmo tempo sofrida sob pressão e aceita através do reconhecimento e da obediência.

Logo, para um melhor entendimento desses termos tão presentes nas práticas culturais das sociedades contemporâneas, porém imperceptíveis aos olhos da população, direcionaremos nosso trabalho para o campo literário onde, por meio de uma realidade empírica construída no universo da ficção, buscaremos localizar tais conceitos, uma vez que Bourdieu (2008) alerta que não podemos capturar a lógica mais profunda do mundo social a não ser por meio de uma realidade empírica, historicamente situada e datada, para construí-la como uma figura no universo de configurações possíveis. Portanto, analisaremos, por meio do romance literário, *Vidas secas*, a exposição dos personagens criados por Graciliano Ramos, às diversas manifestações de dominação presentes nessa produção.

Com a releitura dessa importante obra da literatura brasileira, o leitor é conduzido a observar a latente carga sociológica embutida no conteúdo do livro, que tem como enredo uma família de retirantes nordestinos em situação de vulnerabilidade socioeconômica. O comprometimento do autor com as questões sociais da sua época, movido por um estilo individual sem precedentes, ao apropriar-se da escrita, faz dessa narrativa uma das mais lidas da literatura brasileira. Contudo, é oportuno salientar que a escolha do livro *Vidas secas* como *corpus do* presente trabalho, não se deu apenas pelo seu reconhecimento universal, tendo em vista a consagração pela crítica como uma das melhores produções literárias brasileira, mas, também, devido ao grande potencial do autor em fazer de cada um dos seus personagens um *locus* de intensa vertente sociológica, principalmente ao abordar com originalidade o imaginário dos agentes sociais.

2. Breve exposição da temática abordada em *Vidas secas*

Em *Vidas secas*, Graciliano Ramos trata do processo de desumanização, retratado pela dura existência da vida humana no sertão nordestino, na década de 1930. A obra é construída a partir da estrutura narrativa em 3ª pessoa, sendo elaborada em treze capítulos intitulados: “Mudança”; “Fabiano”; “Cadeia”; “Sinhá Vitória”; “O Menino Mais Novo”; “O Menino Mais Velho”; “Inverno”; “Festa; Baleia”; “Contas”; “O Soldado Amarelo”; “O Mundo Coberto de Penas” e “Fuga”. Sendo assim, nota-se que mesmo com a disposição dos capítulos nessa ordem, a leitura da obra, não necessariamente, deverá seguir a sequência apresentada, uma vez que cada capítulo é autônomo e independente um do outro. Devido à grande habilidade descritiva do autor, as ações, o ambiente e todo o cenário são combinados com a transmissão de sensações físicas e psicológicas, de forma que o leitor possa situar, mentalmente, cada

elemento do enredo. Quanto à sua estrutura, o primeiro capítulo, intitulado “Mudança”, apresenta a saga de uma família de retirantes composta por seis membros: Fabiano, Sinhá Vitória, O menino mais novo e o menino mais velho, a cachorra Baleia e um papagaio.

Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida. Baleia jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembrança disto (RAMOS 2010, p.11).

52

Nota-se, neste fragmento, que no início da narrativa os personagens Fabiano, sinhá Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia, depois de terem comido o papagaio, procuraram um lugar melhor para viver. Após uma longa caminhada pela caatinga, chegaram a uma fazenda abandonada, onde resolveram se instalar.

Arrastaram-se para lá, devagar, sinhá Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, camboio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de pedemeira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás” (RAMOS 2010, p.9).

Desse modo, o autor denuncia através do protagonista Fabiano, a degradação da condição humana na pessoa de um “matuto” que vive se refugiando da escassez de recurso e da aridez da caatinga, favorecendo um rico universo para o debate sociológico. Portanto, ao provocar uma reflexão sobre o gênero humano, revelado, simbolicamente, nos personagens da narrativa, Graciliano Ramos reabre a discussão sobre as questões econômicas, políticas e sociais e, sobretudo, leva o leitor a refletir sobre sua própria existência, ao mencionar o limite do desejo daquelas pessoas, como o objeto de inspiração de Sinhá Vitória que era apenas uma cama de couro e sucupira, uma vez que as condições atuais a obrigavam a dormir em uma cama de varas. “Sinhá Vitória desejava uma cama real, de couro e sucupira, igual à de seu Tomás da bolandeira” (RAMOS 2010, p.46).

A linguagem é um traço marcante na construção das narrativas de Graciliano Ramos, tendo em vista o rigor metódico com que são escolhidas as palavras, bem como a economia no uso de adjetivos e advérbios. A escolha cuidadosa dos substantivos, priorizando os aspectos regionais, colabora para a criação de um “regionalismo bruto”, caracterizado por descrições de cor, local, espaço e costumes, que permitem ao leitor reconhecer comportamentos típicos, característicos de uma região específica.

Segundo a análise literária das autoras Abourre *et al.* (2010), a aridez do cenário se expande e atinge também o comportamento dos agentes da obra, caracterizados por falas monossilábicas e gestos voltados para a sobrevivência imediata. O processo de animalização dos personagens se manifesta de diversas maneiras nesse romance, tendo em vista que as crianças nem chegam a ser nomeadas (são denominadas como “menino mais novo” e “menino mais velho”); aludindo-se à forma como acontece com os animais. Seu comportamento é determinado pela necessidade de sobreviver num espaço inóspito, contribuindo para que o próprio Fabiano, em determinado momento da narrativa, se veja como um bicho. “– Você é um bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades. Chegara naquela situação medonha – e ali estava, forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha”(RAMOS 2010, p.19).

Na obra, propositadamente, o autor não deixa pista da origem da família. Também, o nome dos lugares por onde os retirantes passaram não são registrados, sendo que a referência se faz apenas pela utilização de algumas expressões, tais como: (lá, terra desconhecida, ...e andavam para o sul), em que, no contexto, a palavra “sul”, simboliza uma metáfora de redenção, uma vez que devido à seca que atormenta a região do nordeste brasileiro desde o período colonial, “a solução encontrada por milhares de nordestinos tem sido a migração para o Sul, principalmente após a inauguração da estrada Rio-Bahia, em 1949”(ABOURRE *et al.*, 2010 p. 125). Da mesma forma, nenhuma informação é dada ao leitor no que diz respeito ao destino final da família. “Desceram a ladeira, atravessaram o rio seco, tomaram rumo para o sul”(RAMOS 2010, p.118).

Assim, nesse universo da ficção, os personagens da produção de Ramos compõem-se de agentes sociais, que não representam apenas o sertanejo nordestino, mas milhares de refugiados espalhados pelo Brasil afora. “Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinhá Vitória e os dois meninos”(RAMOS 2010, p. 128).

Resumidamente, segundo Hermenegildo Bastos, comentarista do posfácio da obra, a degradação da condição humana em *Vidas secas*, confere-lhe uma espécie de reserva ética que não existe nos demais livros de Graciliano Ramos. Aqui, a natureza não é apenas a paisagem, mas também o outro do homem, que lhe impõe limite, a partir do trabalho

submetido aos imperativos da escassez e da necessidade. “O Homem a domina e domina-se. Urge então criar novos caminhos” (RAMOS 2010, p.131).

3. Alguns conceitos de Bourdieu incorporados nas práticas dos personagens de *Vidas secas*

A linguagem como elemento de exclusão e estratificação social, é apresentada como um problema em *Vidas secas*, tendo em vista que na maioria das vezes, é vazia de significado, acentuando ainda mais a situação de miséria revelada nos personagens que, em sua existência quase natural, dispõem de um vocabulário limitado em que o autor, ora por intermédio do vaqueiro Fabiano, ora na figura de sinhá Vitória, afirma ser uma linguagem monossilábica e gutural, como se vê nos fragmentos abaixo:

Sinhá Vitória estirou o beijo indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto” (RAMOS 2010, p.10).

(...)

Às vezes utilizava nas relações com as pessoas, a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopéias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas” (RAMOS 2010 , p.20).

Nesse contexto, observa-se que a ausência de recursos linguísticos, para um melhor desempenho da capacidade comunicativa, faz com que os agentes da obra de Ramos recuem em sua convivência social, julgando-se incapazes de traduzir os códigos da própria língua. Tal situação é apresentada no capítulo denominado “Festa”, quando as crianças se deparam, surpresas, com uma grande quantidade de pessoas e também de ícones sagrados na igreja, além de objetos comercializáveis nas prateleiras das lojas que ilustravam o ambiente criado pelo autor. “Como podia os homens guardar tantas palavras?” Era impossível, ninguém conservaria tão grande soma de conhecimentos. Livres dos nomes, as coisas ficavam distantes, misteriosas” (RAMOS 2010, p. 82).

Assim, percebe-se que, por meio do imaginário do autor, o leitor é conduzido a refletir também, sobre a questão do analfabetismo no Brasil, com a negação de muitos dos direitos constitucionais a tantos brasileiros que se somam às estatísticas da pobreza e da marginalização. O autor denuncia questões cruciais de desigualdades econômicas, sociais e

culturais, apontando para uma população que sobrevive à margem sociedade, à qual é negada o direito à educação.

Desse modo, em consonância com a afirmação de Bourdieu (1997), de que todas as produções culturais, incluindo a literatura, devem ser vistas como um campo onde se situam oposição e antagonismo, Graciliano Ramos faz da sua produção, um jogo de representações simbólicas. Nesse cenário fictício, figuram vários conceitos criados por Bourdieu, incorporados nas posturas dos personagens literários, que denunciam os problemas que assolam a sociedade brasileira, posto que “os agentes sociais estão inseridos na estrutura e em posições que dependem do seu capital e desenvolvem estratégias que dependem, elas próprias, em grande parte, dessas posições, nos limites de suas disposições” (Bourdieu 1997, p. 29). Na descrição de cada personagem, o leitor é conduzido, mesmo que inconscientemente, a transitar pelos sistemas de reprodução e incorporação do *habitus*, presentes nas estruturas residentes da cultura nordestina, moldada na corporeidade, gesticulação e atitudes típicas dos agentes sociais descritos na obra, tendo em vista “(...) um corpo estruturado, um corpo que incorporou as estruturas imanentes de um mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo, e que estrutura tanto a percepção desse mundo como a ação nesse mundo” (p. 144), como se percebe no fragmento a seguir: “O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco” (RAMOS 2010, p.19).

Para Bourdieu (2008), o *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, a partir de determinadas escolhas e práticas. Sendo assim, ao descrever o personagem Fabiano, de forma que o leitor possa traçar uma imagem automática do perfil do vaqueiro, certamente o autor se inspirou em determinados traços e costumes dos habitantes daquela localidade, considerando esquemas de classe, cultura e origens das estruturas que buscou descrever, uma vez que,

a cada classe de posições corresponde uma classe de *habitus* (ou de gostos) produzidos pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente e, pela intermediação desses *habitus* e de suas capacidades geradoras, um conjunto sistemático de bens e de propriedades, vinculadas entre si por uma afinidade de estilo (BOURDIEU 2008, p. 21).

Inegavelmente, Graciliano Ramos, imbuído de uma categórica capacidade descritiva, enriquece sua narrativa a cada capítulo, promovendo uma excelente fonte de elementos para análise, tanto literária quanto sociológica, ao abordar questões de cunho universal. Tais situações, na ótica de Bourdieu, transformam cada personagem em agentes ou atores sociais que se detêm diante da ausência do capital cultural que, conseqüentemente, os levam a uma exposição e aceitação de determinadas imposições, reforçando suas limitações. Essa coerção, exercida sobre o outro, é fruto de uma dimensão superior, denominada de poder simbólico que, agindo invisivelmente, é reproduzido nas práticas incorporadas, nas estruturas tanto do polo dominante quanto do dominado, sem que tais condutas sejam percebidas e nem questionadas.

No capítulo III, denominado “Cadeia”, o desabafo de Fabiano ilustra a abordagem mencionada, uma vez que o próprio Estado legitima o poder simbólico, predispondo uma situação de dominação ou mesmo de violência simbólica, a que esse ser foi submetido. “Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou...” (RAMOS 2010, p.28).

Tal injustiça é constatada pelo próprio Fabiano de forma subjetiva, em seu constante monólogo. “Então mete um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Que mal fazia a brutalidade dele?” (RAMOS 2010, p.35).

Aqui, o narrador-personagem denuncia o seu estado emocional, em que se sente agredido, violentado internamente; no entanto, quando objetivada, tal situação leva o indivíduo a acreditar que a conduta é legítima, uma vez que foi praticada por alguém que considera superior a ele, acatando-a como algo natural.

“Então por que um sem-vergonha desordeiro se arrelia, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nele? Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as **violências**, a todas as **injustiças**. (...) “Tenha paciência. Apanhar do governo não é defeita” (RAMOS 2010, p. 33, grifos nosso).

Nesse sentido, Bourdieu (2008) afirma que o Estado é resultado de um processo que concentra diferentes tipos de capital, em cujo espaço inclui o capital de força física ou de instrumentos de coerção (exército, polícia), capital econômico, capital cultural, e ainda o capital simbólico no qual se concentra uma espécie de metacapital, com poder sobre os outros tipos de capital e sobre seus detentores.

Uma leitura completa da obra, faz o leitor perceber que todos os personagens de *Vidas secas* simbolizam o ser social em seu processo de evolução histórica, visto que, apesar da dimensão que os ligam à natureza, o trabalho alienado sempre esteve presente na vida desses personagens, tendo em vista que a condição de nômades os tornam dependentes do outro, vulneráveis a todo tipo de violência, inclusive a simbólica, “(...) essa violência que extorpe submissões que sequer são percebidas como tais, apoiando-se em "expectativas coletivas", em crenças socialmente inculcadas” (BOURDIEU 2008, p.170).

57

Nota-se que nessa produção, Graciliano Ramos apresenta seus personagens num cenário com acentuado sistema de estratificação social, explorando o campo do dominado, tendo em vista que na sua obra, a utilização de situações metafóricas, deixa evidente, muitas vezes nas entrelinhas, a situação de opressão em que os atores sociais da trama se encontram, face ao constante diálogo psicológico desenvolvido durante toda a narrativa. Nesse sentido, Bourdieu (2008), afirma que,

a estrutura de um campo, pode ser apreciada tomando-se como referência dois pólos opostos: o dos dominantes e dos dominados. Os agentes que ocupam o primeiro são justamente aqueles que possuem um máximo de capital social; em contrapartida, aqueles que situam no pólo dominado se definem pela ausência ou pela raridade do capital específico que determina o espaço em questão” (BOURDIEU 2008, p.21).

Assim, a noção de espaço social em Bourdieu (1997) é vista, numa definição mais ampla, como um campo de forças, cuja necessidade, se impõe aos agentes que nele se encontram envolvidos, como também um campo de lutas no interior do qual os atores sociais se enfrentam, com meios e fins diferenciados, que conforme a posição que ocupa, contribui para a conservação ou a transformação de sua estrutura. Para tanto, o sociólogo reforça que é preciso,

construir o espaço social, essa realidade invisível, que não podemos mostrar nem tocar e que organiza as práticas e as representações dos agentes, e ao mesmo tempo possibilitar a construção de classes teóricas, tão homogêneas quanto possível da perspectiva dos dois principais determinantes das práticas e de todas as propriedades que daí decorrem (BOURDIEU 2008, p. 24).

Desse modo, seguindo as pistas deixadas por Bourdieu, a sociedade é vista como um campo de batalha, em que os indivíduos se inserem e lutam, conforme as regras do jogo, sob a influência de forças operantes, que perpetuam no espaço social, reproduzindo padrões, impondo condições e fazendo que os agentes sociais, na maioria das vezes influenciados por

ideologias consagradas como verdades absolutas e inquestionáveis, se posicionam, conforme os capitais a que lhes são disponíveis, de tal forma a uma permanente disputa no interior do seu campo, despojando ali, seus anseios, perspectivas, enfim, uma eterna luta por condições favoráveis, para uma convência no meio social.

para além das representações que os agentes incorporam, capazes de propiciar justificativas simbólicas para a posição que ocupam, o observador deve reconstruir o sistema completo de relações simbólicas e não-simbólicas, ou seja, as condições de existência, material, hierárquica social daí resultante” (BOURDIEU 2013, p. 13).

58

Neste contexto, observa-se que a produção de Bourdieu é estruturada acerca do conhecimento da organização interna do campo simbólico, o que sugere que o mundo social possa ser também estruturado por meio de representações e alegorias que simulam a estrutura das relações sociais. Nesta perspectiva, Bourdieu (2008), revela que a produção cultural propõe, aos que neles estão envolvidos, um espaço de possíveis que tende a orientar sua busca, definindo o universo de problemas, em cujos espaços verificam-se que os produtores de uma época sejam ao mesmo tempo situados, datados e relativamente autônomos em relação às determinações econômicas.

4. Conclusão

Devido à amplitude da obra de Pierre Bourdieu, o estudo em pauta contempla apenas uma pequena parte da sua vasta produção, haja vista que o trabalho apresentado não tem a pretensão de esgotar o assunto. Não obstante, espera-se que a obra escolhida para análise, tenha sido proveitosa para explorar alguns conceitos-chave desse sociólogo, na aproximação da interface da sociologia com a literatura, promovendo um processo interdisciplinar na exploração das afinidades de ambas as disciplinas com o ser social. Nessa interação, convém ressaltar que o processo de transformação e compreensão da realidade, por meio de um texto literário é possível sim, visto que a literatura não constitui em um texto arbitrário, porém, são os leitores, mediante uma integração múltipla com o escritor, que lhes atribuem significados e finalidades, uma vez que todo texto se abre à participação e à intervenção do leitor, (re) significando-o e remodelando-o, de acordo com o ponto que lhe cabe explorar.

Em síntese, espera-se ainda que ao trazer um texto literário para o debate sociológico, privilegiando a produção da literatura nacional e regional, tantas outras obras de cunho universal, que repousam o universo dos acervos acadêmicos, sejam suscitadas e trazidas para

análise em suas múltiplas dimensões e contextualizações pluridisciplinares, de forma a promover um intenso diálogo entre sociólogos, escritores, historiadores e afins.

Com efeito, uma produção literária suplantada por uma vertente sociológica tão fecunda, rompe dimensões temporais e espaciais, colaborando com a nobre missão de legitimar os aspectos simbólicos e ideológicos que muito mascaram as diversas formas de poder e dominação, tão presentes na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ABOURRE, Maria Luiza M.; ABOURRE, Maria Bernadete M; PONTARA, Marcela. *Português: Contexto, Interlocução e Sentido*. 1ª edição. São Paulo: Moderna, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólica*. Trad. Sergio Miceli. 7ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. *Os usos da ciência: Por uma sociologia do campo científico*. Trad. Denice Barbara Catani. São Paulo: UNESP, 1997.

_____. *Razões Práticas: Sobre a Teoria da Ação*. Trad. Maria Correa. 9ª edição. São Paulo: PAPIRUS, 2008.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 114ª edição. Rio de Janeiro. São Paulo: Record, 2010.